

SOBRE OS ARTISTAS

Natural de São Paulo, CLÁUDIO CRUZ iniciou seus estudos de violino com seu pai, prosseguindo-os com Erich Lehninger, no Brasil, Chaim Taub, em Israel, Joseph Gingold e Kenneth Goldsmith nos EUA. É *spalla* da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, OSESP. Como solista tem se apresentado junto às maiores orquestras do país, tais como OSESP, Sinfônica Brasileira, Sinfônica Nacional etc. Em 1991 estreou na Europa como solista da *Kammerorchester Berlin*, sendo considerado pelo jornal *Berliner Morgenpost* como "um grande intérprete de Mozart". Sua atividade camerística é exercida junto ao *Quarteto Amazonas*, com o qual recebeu os prêmios Grammy Latino e Carlos Gomes, e com intérpretes como Ricardo Kanji, Nahin Marum e Ilan Rechtman. Cláudio Cruz tem uma destacada carreira como regente, tendo atuado à frente de orquestras como a Sinfônica de Curitiba, de Brasília, OSESP e Ribeirão Preto. Atualmente é Diretor Titular da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas.

ILAN RECHTMAN estreou como pianista com a Filarmônica de Israel, com a idade de 11 anos. Desde então, além de retornar a este conjunto 15 vezes, atuou com todas as principais orquestras de Israel, seu país natal, e mais as sinfônicas de Londres, Pittsburgh, San Diego, Denver etc. Como recitalista e camerista apresentou-se na Alemanha, Inglaterra, Dinamarca, Hungria e Canadá, além do Brasil. Apresentou-se nos EUA em mais de 80 cidades, incluindo as salas mais importantes de Nova Iorque, *Carnegie*, *Avery Fisher* e *Alice Tully Halls*. Suas composições *Rondo op.5* e *Fanfarra junto ao Mar Vermelho* foram encomendadas e executadas pelos maestros Zubin Metha e Lorin Maazel, respectivamente, e *Rapsódia para um Navegante*, para piano e orquestra tem sido apresentada por várias orquestras, entre as quais as de Pittsburg, Annapolis, Cape Cod e New World. Suas obras são gravadas pelos selos Omega/Vanguard, Meridian, MMC, Newport Classics and Well Tempered Productions Labels.

REJANE ZILLES é atriz e produtora cultural. Começou sua carreira profissional em Porto Alegre, como produtora e atriz. Em 1990 veio para o Rio de Janeiro, onde cursou a faculdade de artes cênicas da UniRio, e seguiu sua formação em cursos livres de interpretação. Desde então vem atuando em teatro, em pecas como *Narizes Vermelhos* e *Recicla-me ou Te Devoro*, televisão, participando das novelas *Por Amor*, *Desejos De Mulher* etc. e cinema (*Cronicamente Inviável* e *Lua Cambará*).

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Presidente: Marcos Vinícios Vilaça

Secretário-geral: Cícero Sandroni

Diretor-tesoureiro: Antonio Carlos Secchin

Assessora Cultural: Martha Klagsbrunn

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



apresenta

LITERATURA E MÚSICA DE CÂMARA

Cláudio Cruz, violino

&

Ilan Rechtman, piano

Rejane Zilles, leitura de poemas

Sexta-feira, 7 de julho de 2006, às 17h30min

Direção Artística

André Oliveira e Guilherme Bernstein Seixas

Realização



PROGRAMA

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 -1827)

Sonata em sol maior, Opus 30 n°3, para violino e piano

- I. Allegro assai
- II. Tempo di Minuetto - ma molto moderato e grazioso
- III. Allegro vivace

FRANZ SCHUBERT (1797 - 1828)

Sonata para violino e piano em Lá Maior op. 162, " Gran Duo"
D.574

- I. Allegro Moderato
- II. Scherzo (Presto)
- III. Andantino
- IV. Allegro Vivace

JOHANNES BRAHMS (1833 - 1897)

Sonata n°3 em ré menor, Opus 108, para violino e piano

- I. Allegro
- II. Adagio
- III. Un poco presto e con sentimento
- IV. Presto agitato

Seleção de Poemas de Rainer Maria Rilke, organização de André Oliveira

SOBRE O PROGRAMA

As três sonatas para violino e piano op.30 foram compostas durante um período traumático da vida de Beethoven. Em outubro de 1802, apenas quatro meses após completá-las, o compositor escreveu o que hoje se denomina "*Testamento de Heiligenstadt*", uma carta, aparentemente nunca enviada, no qual admite para seus irmãos - e para si mesmo e o mundo - a perda gradativa de sua audição e, em razão disso, sua séria consideração de suicidar-se. Apesar disso, a Sonata op.30 n°3 exala um humor Haydniano, contrastando com o lirismo da n° 1 e os tons sombrios e dramáticos da n° 2. Seu primeiro movimento é pleno de pequenas surpresas e toques curiosos; o mais significativo é a exposição do segundo tema no tom da dominante menor, ou ao invés da dominante maior, conforme ditava a tradição - contraste mantido inclusive para sua finalização. Também surpreendente é fato do segundo movimento ser um gracioso minueto, ao invés de um movimento em forma de *lied* (canção), lírico e algo melancólico. Este toque de graciosidade confere uma leveza que floresce plenamente no movimento final, em forma rondó, em que o tema principal contrasta com suas próprias variações.

Publicada em 1851, 23 anos após a sua morte, a Sonata para violino e piano em Lá Maior de Schubert plenamente merece o apelido "Duo", acrescido pelo editor. Ao contrário das obras juvenis do compositor para a mesma formação, nesta sonata violino e piano estão escritos com a mesma destreza e propriedade, cada instrumento acrescentando à obra em igual condição. O primeiro de seus quatro movimentos inicia-se com uma tranqüila idéia no piano, que logo se transforma em acompanhamento de uma lírica melodia no violino. O tema que lhe serve de contraste é uma elaboração da melodia original. O movimento segue com um breve desenvolvimento central e a re-exposição sem surpresas das idéias iniciais. O *scherzo* seguinte, ao contrário do movimento inicial, é recheado das modulações imprevisíveis e pausas dramáticas que caracterizam algumas das mais impressionantes páginas de Schubert. Um jocoso Trio central, em que o violino executa interessantes figuras cromáticas, acrescenta ao movimento seu humor característico. Esse humor é dissipado no *Andantino*, um longo diálogo entre os instrumentos bem ao gosto do famoso lirismo de Schubert. O espírito jocoso do Scherzo retorna no *finale*, um *Allegro Vivace* em que hesitações harmônicas e melódicas servem para gerar um senso de excitação e aventura criativa.

Brahms começou a escrever sua Sonata para violino e piano n° 3 quase imediatamente após completar a segunda, em Lá Maior, op.100, durante férias em Thun, nos Alpes suíços, no verão de 1886. Porém, o compositor deixou a obra incompleta por dois anos, apenas voltando a trabalhar nela quando de seu retorno a Thun, em 1888, para novas férias. As duas peças não poderiam ser mais diferentes entre si; enquanto a op.100 é tranqüila, radiando líricas melodias do princípio ao fim, a terceira, em Ré menor, é musculosa, algo nervosa, e épica em sua dramaticidade. Brahms a dedicou a Hans von Bülow, regente, pianista e grande amigo, defensor incontestado da obra do compositor. Sua estréia se deu em Budapeste em dezembro de 1888, pelo violinista Jenő Hubay e o próprio Brahms ao piano. O primeiro movimento inicia-se com um tema algo sinistro que gera praticamente todos os eventos restantes; um dos grandes momentos da obra é o desenvolvimento, trabalhado inteiramente sobre um pedal da dominante e criando enorme tensão, resolvida de forma brilhante ao desembocar a re-exposição. O adágio nos lembra que Brahms é um dos grandes nomes do *Lied* alemão, ressonante e melodicamente rico. Já o terceiro movimento, um *scherzo* descrito por Clara Schumann como "uma adorável moça brincando com seu amado", é visto por outros como melancólico ou mesmo amargo. A dupla possibilidade de interpretação acaba aí; Brahms reserva para o *finale* seu mais dramático e turbulento movimento.